
A COMUNIDADE NA TV: UMA ANÁLISE SOBRE A REGIONALIZAÇÃO DA NOTÍCIA E O PROCESSO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR

Juliane Guzzoni

Resumo: Algumas mudanças implantadas nos telejornais da Rede Globo, em todo o país, vão em busca, do resgate de uma identidade de grupo. Em março de 1998, a Rede Globo estreou em São Paulo o “novo SPTV-1ª Edição”. Foi uma espécie de laboratório, com mais informalidade e abertura de espaço para debates ao vivo, com a participação popular. Depois, o modelo denominado de “Jornal Comunitário” passou a ser adotado por emissoras afiliadas da Rede Globo, em todo o país. A proposta deste estudo é analisar como as emissoras abrem espaço para que a comunidade manifeste seus problemas, como eles são abordados e todo o processo de edição, a abordagem e o debate dos assuntos que envolvem a comunidade, no telejornal.

Palavras-chave: Comunitário, Telejornalismo, Televisão.

Tão comum hoje nos lares brasileiros, a televisão parece que começa ter uma outra função diante do sofá da sala. De certo temos a informação de que a televisão hoje não é a mesma televisão que surgiu no Brasil 50 anos atrás. Meio século é um espaço de tempo muito curto se considerarmos a História Universal, mas é um tempo relativamente grande para gerar uma infinidade de discussões.

Em março de 1998, a Rede Globo estreou em São Paulo o “novo SPTV-1ª Edição”. Foi uma espécie de laboratório, com mais informalidade e abertura de espaço para debates ao vivo, com a participação popular. A informalidade está na linguagem utilizada para a construção dos textos das reportagens, nas participações de repórteres, ao vivo, de diversos pontos da grande São Paulo, da escola, do bairro, do hospital público, da Assembléia Legislativa, da Câmara de Vereadores, da periferia, da porta da fábrica onde os trabalhadores estão parados, do presídio, de qualquer lugar onde a notícia, a informação está presente. A informalidade está na linguagem do apresentador, na fala espontânea, na participação dos entrevistados.

O novo formato passou a ser adotado por outras praças também. O interior do estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Paraná. Em cada estado, cada região, o jornal adota

um perfil próprio, poderíamos dizer, uma identidade. As reportagens, de modo geral, tem o objetivo de identificar um problema.

A busca por um jornalismo que se identifique mais com as comunidades vem em uma época em que a sociedade parece ter perdido suas referências com o mundo, onde já não percebe mais uma identidade com o meio em que vive. Na era da globalização, de generalizar exemplos, o homem tem a necessidade de encontrar um referencial que o identifique com o seu meio.

Uma pesquisa da Folha de São Paulo revelou que 49% da população brasileira busca informação por meio da televisão. Bourdieu explicaria melhor este resultado: “há uma proporção de pessoas que não lêem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informação. A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população”. (BOURDIEU, 1997 : 23).

As mudanças implantadas nos telejornais da Rede Globo, em todo o país, vão em busca, desta vez, do resgate de uma identidade de grupo, a identidade do telejornal com o meio em que vive a comunidade. O que se percebe é uma relação mais próxima do público com a TV, onde um elemento, neste caso um telejornal, provoca uma reação, interage com o meio antes, durante e depois desta reação e posteriormente, também responde à ação provocada. Percebemos também hoje que há uma maior participação de “personagens”, de integrantes de comunidades, na construção e estruturação da notícia, especialmente no jornal comunitário. Vale destacar aqui o que consideramos um telejornal comunitário nos dias atuais. Não nos referimos a produções isoladas, elaboradas para uma comunidade específica, mas a uma nova proposta que surge de um dos maiores veículos de comunicação de massa do país – a Rede Globo, num resgate do que poderíamos chamar de “autenticidade da cultura popular”.

“O desenvolvimento da cidadania também se dá na garantia dos direitos elementares dos moradores das cidades, como rua limpa e iluminada, com segurança, casa, telefonia eficiente, transporte, educação, posto de saúde” A frase é do diretor editorial da Central Globo de Jornalismo, na época, Luís Erlanger, em uma explicação sobre as mudanças implantadas nos jornais, na busca por um jornalismo que dê mais voz ao cidadão comum e que ajude a intermediar o seu diálogo com os diversos segmentos sociais e pessoas responsáveis pela solução de problemas.

(Aldeão, Órgão de publicação mensal da Central Globo de Pesquisa e Recursos Humanos. RJ. Junho/1999).

Foi assim que as mudanças começaram. Em março de 1998, a Rede Globo estreou em São Paulo o “novo SPTV-1ª Edição”. Foi uma espécie de laboratório, com mais informalidade e abertura de espaço para debates ao vivo, com a participação popular.

A comunidade enunciada no telejornal é o objeto a ser pesquisado, a ser observado. Cada vez mais as emissoras de TV tem buscado a aproximação com o público. A proposta deste estudo é analisar como o ParanaTV 1ª. Edição Regional abre espaço para que a comunidade manifeste seus problemas, como eles são abordados e como as histórias são contadas e captadas através de uma lente.

Numa análise sobre o SPTV – o telejornal produzido pela Globo São Paulo, que serve de parâmetro para outras praças – Fechine identifica o SPTV da Grande São Paulo como “um telejornal declaradamente preocupado em buscar mais identificação e empatia com a população”. Vieira Junior diz que é um jornal que se envolve com o morador da cidade. Os assuntos do cotidiano dos moradores das cidades são, a partir de então, o enfoque principal deste espaço na mídia. (FECHINE, 1.999)

“Problemas de trânsito, falta de água, violência e o desrespeito do poder público para com a população indefesa. Conseqüentemente a edição das matérias foi também adequada ao objetivo do telejornal. Agora há mais ação e participação popular. (...) A emissora apostou nas questões cotidianas do cidadão comum como se fosse a última saída para se fazer um telejornalismo crítico e preocupado com a realidade de uma metrópole”.

(VIEIRA JUNIOR, 1999).

É preciso considerar, claro, que as cidades de menor porte tem problemas bem diferentes daqueles enfrentados em uma cidade como a cidade de São Paulo, mas não estão isentas de

dificuldades, crises e problemas urbanos e sociais. E são esses aspectos do cotidiano que passam a figurar com grande destaque no telejornal.

Este estudo pretende observar a forma como o telejornal enuncia os problemas da comunidade, como ela é retratada no telejornal, mediante um estudo de caso a partir da análise das reportagens e do debate proposto pelo telejornal PARANATV, primeira edição Regional, produzido pela TV Cultura de Maringá, emissora que faz parte da Rede Paranaense de Comunicação, uma afiliada da Rede Globo.

O que faremos é a apresentação de reportagens produzidas pela TV Cultura de Maringá e apresentadas pelo PARANATV 1ª Edição.

A experiência comunitária:

O termo aplicado para denominar o “estilo” do jornal, comunitário, não se refere apenas a comunidades pobres. Comunidade é o grupo. Na definição de Aurélio Buarque de Holanda, “comunidade é a qualidade ou estado do que é comum; o corpo social; agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos”. A proposta do jornal é ajudar a encontrar um modo melhor de vida para determinados grupos, que formam o público do telejornal.

Observando a construção do telejornal produzido pela TV Cultura de Maringá (Rede Paranaense de Comunicação/Rede Globo) percebe-se claramente que há uma aproximação maior das emissoras com as comunidades de cada região, ou uma relação mais estreita entre os dois grupos. A comunidade que nunca antes teve facilidade para levar à TV as suas reivindicações, os seus problemas, agora “bate ponto” todos os dias. É o espaço onde ela pode se manifestar. E a televisão, que também antes não tinha o hábito de olhar com atenção na direção dessas comunidades, agora encontrou uma fonte de produção jornalística, de debate e de crítica. Esta aproximação às vezes parte das famílias, de grupos ou instituições que buscam no telejornal um caminho, muitas vezes, para resolver problemas antigos da comunidade, fazendo reclamações, pedindo ajuda, denunciando. Outras vezes parte da produção do jornal a iniciativa de buscar um contato com os moradores do bairro, do condomínio, pra falar de um problema instalado em determinada rua, na favela, enfim, para tratar de questões que são reconhecidas como “problemas urbanos e sociais”.

Todo o tratamento dado ao telejornal denominado “Comunitário” segue, claro, as mesmas regras de produção jornalística, de imagens e de edição, mas com alguns detalhes que o diferenciam dos demais telejornais ou programas jornalísticos produzidos pela Rede. Primeiramente, e talvez na tentativa de mostrar uma determinada situação com mais evidência, as reportagens são construídas, geralmente, numa narrativa que imita o “contar uma história”, onde os personagens participam da narrativa de forma mais intensa. A entrevista, que se consolidou na TV como a microestrutura necessária para o registro de informações, passa a ser menos abreviada e indispensável na construção das reportagens. A “fala” de quem vivencia determinado problema, das pessoas que representam a comunidade, são depoimentos que narram as situações. É uma estratégia de intensificação das estruturas que servem para validar aquilo que está sendo apresentado. É uma forma de fortalecer o argumento como “verdadeiro”. É o que Paul Zumthor explica em “A Letra e a Voz”, quando trata dos índices de oralidade, ao afirmar que “o argumento só pode ter por objeto um conjunto. (...) o que funda sua validade é sua fecundidade, sua capacidade de captar o particular no meio do geral. (ZUMTHOR, 1.993 : 45)

O papel do repórter continua sendo o mesmo, o de mediador entre o público e um fato ocorrido. Além de problemas, o jornal mostra a forma de organização de grupos comunitários, as alternativas e soluções que encontram para driblar alguma realidade, os exemplos que dão com iniciativas próprias, ligadas a questões culturais particulares. É o caso das cooperativas de trabalhadores que começaram surgir em várias comunidades como uma forma de organização de classe que surgiu com o desemprego.

Em Junho, a produção do telejornal de Maringá levantou situações na região e também nas cidades de Londrina e Ponta Grossa, mostrando grupos de trabalhadores que encontraram no modelo cooperativista um meio de continuar trabalhando, gerar emprego e renda. Catadores de lixo deixaram de ser catadores de lixo para se tornarem cooperados de uma usina de reciclagem. Donas de casa desempregadas se uniram e passaram a produzir, em grupo, tudo aquilo que já faziam sozinhas. Os trabalhos manuais, os doces, pães, tudo começou a ser produzido em maior quantidade e vendido com mais facilidade a partir da organização do grupo. Uma outra equipe abriu uma panificadora, nos moldes de uma cooperativa e encontrou assim um meio de continuar trabalhando. Os empregados demitidos de uma empresa de telefonia montaram a cooperativa de prestação de serviços para companhias telefônicas e se tornaram um dos maiores grupos especializados do setor, na região. Todos esses movimentos e formas de organização chamaram a

atenção de pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá, que passaram a acompanhar o desenvolvimento deste tipo de organização. O ParanaTV mostrou cada uma das situações e também a avaliação dos pesquisadores que têm observado essas comunidades. Situações como esta têm sido debatidas com frequência no telejornal.

O ato de narrar uma história dentro dos conceitos e padrões jornalísticos, utilizando uma linguagem híbrida, como a da televisão, incorpora técnicas e argumentos que convençam o espectador a acreditar naquela informação que está sendo transmitida. O jornal comunitário - neste estudo, o telejornal produzido pela TV Cultura, reforça esses argumentos apresentando o depoimento de diversas pessoas em uma mesma reportagem, ampliando o espaço de debate, de discussão dentro do tempo/espaço do telejornal.

Entre os dias 28 de junho e 05 de julho de 2.000, o ParanaTV apresentou uma série de reportagens sobre a aposentadoria no Brasil. O assunto polêmico se tornou uma discussão ainda maior com a reformulação da lei, em Maio de 1.998, que resultou na implantação de uma série de mudanças na previdência. Havia a informação de que o posto do INSS da cidade de Maringá recebia, todos os meses, cerca de 1.500 pedidos de aposentadoria e que deste volume 300 eram rejeitados porque são pessoas que não contribuem com a previdência e que fazem o requerimento. O assunto foi explorado de várias formas. Na primeira reportagem da série foram apresentados alguns exemplos de pessoas que mesmo depois de aposentadas tiveram que voltar a trabalhar porque a pensão não era suficiente para sobreviver. No dia seguinte o jornal mostrou uma reportagem explicando todos os requisitos exigidos por lei para que um trabalhador possa ter direito à aposentadoria. A terceira reportagem da série mostra como funciona o programa do INSS que procura devolver ao mercado de trabalho os aposentados por invalidez.

A seguir, reproduziremos alguns trechos de reportagem, tentando demonstrar a forma como o debate de determinados assuntos se desenvolve no transcorrer do telejornal.

Texto do repórter:

“O diagnóstico para as fortes dores nas costas foi 'hérnia de disco'. Eneumir, que trabalhava numa metalúrgica não pôde mais erguer peso. Com a ajuda de custo do INSS ele resolveu fazer um curso para abrir uma lanchonete.”

Depoimento do personagem:

“Tendo uma lanchonete eu posso progredir na vida. Eu posso subir, né? Agora, com a aposentadoria não. Vou ter aquele salário do mês e acabou!”

Texto do repórter:

“Eneumir se encaixou num programa de reabilitação profissional que todos os anos avalia trabalhadores que sofreram acidentes.”

Na reportagem, funcionários do INSS explicam como funciona o programa.

A quarta reportagem da série mostra o que é, e quem tem direito à aposentadoria especial. As orientações são repassadas por um funcionário da Previdência Social, já que com as mudanças ocorridas em maio de 1.998 algumas categorias deixaram de ser consideradas especiais. Neste dia o telejornal mostrou também, “ao vivo”, o trabalho desenvolvido por aposentados em um supermercado que contrata pessoas acima de 55, 60 anos de idade para trabalhar no empacotamento das compras e na vigilância do mercado. No link^v os trabalhadores falam da dificuldade para conseguir o serviço e o gerente do supermercado mostra algumas vantagens ao dar emprego a essas pessoas que, segundo ele, são mais dedicadas, mais esforçadas.

No quinto dia, a reportagem mostrava o crescimento da procura pela previdência privada, principalmente por profissionais liberais, autônomos e empresários. Um negócio que se tornou interessante para os bancos, conforme narrava o repórter, e também para esses profissionais que sabem “que a previdência vai ser baixa e a previdência privada é um fundo de investimento”.

Como “muita gente acredita que vai poder se aposentar sem ter contribuído”, a última reportagem da série mostrava que ninguém está isento do pagamento da previdência e que só os trabalhadores rurais é que recebem uma atenção diferenciada. No dia em que termina a série de reportagens o jornal leva para o estúdio um advogado, para responder dúvidas que ficaram”.

Texto do apresentador:

“Na série de reportagens sobre aposentadoria, o ParanaTV tentou mostrar qual é o caminho, quais são os passos para se chegar lá. Mas as dúvidas são muitas, por isso nós terminamos a série hoje com um advogado e algumas perguntas que ainda ficaram.”

Pela manhã, uma equipe de reportagens foi para a rua e entrevistou a população para saber delas quais eram as dúvidas que tinham a respeito da aposentadoria no Brasil. Gravadas, as perguntas foram respondidas “ao vivo”, no estúdio, pelo advogado.

As reportagens do Jornal Comunitário (ParanaTV) são construídas com imagens que dão uma visão maior do espaço e da situação que está em debate. Uma forma de identificar o ambiente. Também se vê pouco movimento de zoom^v e se percebe que não há muito movimento de câmera. Os planos gerais, que mostram o cenário, são muito usados. A câmera parece mais solta em algumas entrevistas ao vivo, quando o repórter, ao falar a respeito de um determinado problema, ou um evento que esteja ocorrendo, a câmera passeia mostrando as imagens daquilo que está em debate no jornal. O Plano Geral é a imagem mais ampla possível do local em debate e demonstra o esforço, a necessidade de situar o fato dentro de seu contexto geográfico espacial.

Ao fazer uma análise das estratégias de personalização dos apresentadores do SPTV – 1^a. Edição, Fechine mostra com bastante clareza a forma como o telejornal do início da tarde se posiciona diante do público, com um discurso construído com efeitos de subjetividade, o processo de personalização dos apresentadores e repórteres, “através do qual se busca criar um clima de maior intimidade e proximidade entre estes e o espectador” (FECHINE, 1.999).

Não é diferente no ParanaTV. As estratégias de aproximação são claramente observadas quando o repórter participa do jornal, no link, mostrando um problema ou entrevistando pessoas, debatendo um assunto. Há um diálogo entre repórter e apresentador, entre repórter e entrevistado e também entre apresentador e entrevistado, quando, do estúdio, o apresentador faz comentários ou interfere nas entrevistas do link. As entrevistas de estúdio também são trabalhadas assim. A entrevista é na verdade um diálogo, onde se questiona, se comenta, e se cobra do entrevistado que durante a conversa está sempre olhando para o entrevistador, o apresentador.

Os assuntos que ocupam maior espaço, diariamente, no jornal produzido pela TV Cultura/Rede Paranaense, em Maringá, são aqueles relacionados ao mercado de trabalho, falta d’água em alguns municípios da região, problemas com a destinação do lixo urbano, a agricultura, por ser uma região essencialmente agrícola, o transporte e trânsito nas rodovias, e problemas mais comuns da periferia como a má conservação ou o abandono de ruas, a falta de limpeza pública nos bairros e iniciativas, principalmente voltadas à educação, que partem da

comunidade. São informações avaliadas como de “interesse público”. As pautas privilegiam os temas relacionados a problemas do cotidiano, a prestação de serviços, e o jornal trabalha com a criação de espaços de debate entre representantes das comunidades e representantes do setor público.

A eclosão da notícia:

Entre os dias 10 a 20 de Julho de 2.000, acompanhamos os trabalhos da equipe de produção do telejornal, que levanta informações sobre assuntos do dia, recebe denúncias, que muitas vezes é o elo entre o jornal e a comunidade, e depois leva todos os assuntos para a reunião de pauta que vai definir as reportagens que serão produzidas no dia.

Nesses dias, as discussões giravam em torno de assuntos como a reabertura de uma delegacia no maior bairro da cidade de Maringá, que há muito vinha sendo reivindicada em decorrência dos altos índices de criminalidade; o trabalho de instituições que preparam jovens para trabalhar em empresas que estão interessadas nesta mão de obra, usando como contraponto o aumento de crianças e adolescentes nas ruas das cidades, a greve de professores e funcionários da Universidade Estadual de Maringá, que colocava em risco a realização do vestibular de inverno ou o reflexo das mudanças anunciadas pelo governo Federal para o Sistema Financeiro de Habitação (SFH), para a região que tem o maior número de contratos com problemas e que podem ser alterados a partir das mudanças divulgadas.

Surpreendida, a produção acabou dando destaque aos assuntos relacionados a um evento inesperado que desviou todas as atenções da pauta. Um inverno rigoroso começava a provocar situações que incomodavam, inicialmente, um determinado grupo, a comunidade agrícola. Tanto frio só se tinha visto no inverno de 1.975, que fez nevar no Paraná, e que dizimou as plantações de café das regiões Norte e Noroeste do estado.

A temperatura cada vez mais baixa e bem mais baixa do que se imaginava para uma das regiões mais quentes do estado, provocou uma movimentação atípica não apenas na redação do ParanaTv em Maringá, mas nas redações de todo o estado. Londrina, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu sentiram o mesmo impacto do frio e o assunto tomou conta também da edição estadual do ParanaTV, em Curitiba. A primeira previsão de geada foi confirmada. Preocupados, técnicos do setor agropecuário procuram a produção do jornal para falar da necessidade de proteção para o café, por causa da geada. A produção passa a querer saber das conseqüências desta condição

climática e do frio que já tinha chegado a três graus centígrados abaixo de zero, no começo do inverno.

O jornal comunitário começa a levantar então todas as situações atingidas pelo evento FRIO e mostrar os seus efeitos. O comércio começa a vender mais do que esperava e o consumidor não encontra tudo o que procura para se proteger do frio. Nas lojas o estoque de aquecedores se esgota, mesmo com o preço bem acima do normal. O ParanaTV vai até a estação climatológica e mostra como funciona o setor que monitora informações sobre o clima. Os postos de saúde ficam superlotados porque cresce também o número de pessoas com problemas respiratórios. As geadas acabam por destruir lavouras de trigo, milho e café e as hortas da região, para desespero do homem do campo. O prejuízo passa de setenta por cento e os estragos são comparados aos registros do ano de 75.

O impacto de uma situação inesperada foi tão grande que por alguns dias foi o principal assunto dos telejornais. Depois, já numa reflexão, o assunto se transformou em um grande documentário com o debate ampliado no Globo Comunidade, programa que vai ao ar nas manhas de domingo.

A produção do ParanaTV, a edição e a exibição do telejornal foram acompanhadas em três etapas. Uma, anterior ao período de campanha eleitoral, entre 20/06/2000 a 26/07/2000; uma segunda etapa, no período de 04/08/2000 a 04/10/2000, em plena campanha eleitoral e uma terceira etapa, de 20/11/2000 a 20/12/2000. A escolha desses três períodos foi um critério estabelecido para observar a influência que o jornal sofre por um evento que envolve a mobilização política e todos os setores de administração pública, como uma eleição municipal.

Antes das eleições o jornal parece estar mesmo mais voltado para os assuntos de interesse imediato das comunidades, como é o exemplo do debate proposto para esclarecer as dúvidas com relação à previdência. Neste período também o jornal denunciou que ferros-velhos, que tinham sido lacrados pela polícia por envolvimento com quadrilhas de roubo de veículos, estariam atendendo encomendas por telefone. Outros problemas também foram levantados, como é o caso de uma construção antiga, no centro da cidade, que se tornou ponto de prostituição e de venda de drogas, em plena luz do dia, e dos moradores de um bairro, onde a existência de uma “pedra” – nome dado ao lugar onde pessoas se encontram em determinado dia e horário para fazer compra e venda de carros usados – estaria incomodando os moradores e provocando a desvalorização dos imóveis daquela região.

A partir do mês de agosto se percebe que o jornal perde o tom polêmico e que as reclamações de moradores das cidades e as denúncias praticamente deixam de ter espaço no telejornal. São os primeiros reflexos de um momento melindroso para a discussão de problemas comunitários. Nos bairros estão muitos candidatos a vereador e a produção redobra os cuidados para que o jornal não se torne um meio de manobra política. Tudo o que é visto e ouvido na TV passa a repercutir na movimentação política. O volume de denúncias que chegam até a redação cresce neste período. Bairro com problemas de iluminação pública, rua sem asfalto, dificuldade para atendimento médico, entre outras situações em que o jornal habitualmente ouve a população e cobra uma posição do poder público, mas que num momento eleitoral podem ser manipulações provocadas por candidatos ou facções políticas, como algumas vezes se comprovou com o trabalho de apuração das informações. Neste período, o jornal passou a debater então os assuntos relacionados ao processo eleitoral, às dúvidas da população, os direitos e deveres do eleitor, do cidadão e dos vereadores e prefeitos escolhidos pela população. Uma série de 45 reportagens produzidas pela Central Globo de Jornalismo para serem veiculadas nos jornais de todas as emissoras afiliadas da Rede Globo mostrou problemas existentes em cidades de todo o país. Problemas de má administração pública; denúncias apuradas que levaram à cassação de mandatos; a forma participativa de algumas comunidades na administração pública; modelos de administrações que se diferenciam porque foram encontradas fórmulas de driblar os problemas financeiros e continuar a administração; pessoas que se destacam porque trabalham prá ter uma cidade melhor; as funções públicas e a importância do voto de cada eleitor brasileiro; foram esses os principais assuntos que deram o tom de comunitário ao jornal no período de campanha eleitoral.

Depois do processo eleitoral, as denúncias ou simplesmente a demonstração de problemas urbanos voltaram a ser mais frequentes. Depois de várias cidades da área de abrangência da TV Cultura/Rede Paranaense estarem passando por auditorias e fiscalizações, o número de denúncias cresceu. O jornal acompanhou uma série de irregularidades denunciadas pelo Ministério Público que acabaram resultando na cassação de prefeitos, em auditorias prisões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALDEÃO, Órgão de Publicação Mensal da Central Globo de Pesquisa e Recursos Humanos. RJ. Junho/1999.
- AMARAL, Luís – Técnica de Jornal e Periódico. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- BAKHTIN, Mikhail – Marxismo e filosofia da linguagem. 4^a. Ed. São Paulo, Ed. Hucitec. 1.988
- BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. Reflexões sobre o telejornalismo regional, a partir do pensamento Bourdiano. XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar in Lèvi-Strauss, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1.975
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- CHAMPAGNE, Patric. A visão mediática in Lèvi-Strauss, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1.975
- CHIABAI, Silvia Rachel. Telejornalismo: a estética do engodo. PUC/SP. SP.
- COLLIER Jr., J. Antropologia Visual: A fotografia como método de pesquisa. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Perspectiva. 1.970
- FECHINE DE BRITO, Yvana Carla. Estratégias de Personalização dos apresentadores do SPTV: uma aproximação semiótica do problema, 1999.
- FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. 8^a. Ed., São Paulo, Contexto. 2.000
- FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber – Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. 5^a. Ed., Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1997.
- HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro, D&PA, 1.997.
- JACKS, Nilda, TUFTE, Thomas. Televisão, identidade e Cotidiano in

- Produção e recepção dos sentidos midiáticos. Petrópolis, Vozes, 1.998.
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. – Tradução de Marina Appenzeller, 2^a. Ed., Campinas – SP, Papyrus, 1996.
- LAGE, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. Petrópolis. Vozes, 1982.
- LEAL FILHO, Laurindo. A Melhor Televisão do Mundo. São Paulo, Summus. 1997.
- MACHADO, Arlindo. Television: A Question of Repertoire. 1999
- MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo, Ed. Senac, 2000.
- MATTELART, Armand e Michele. História das Teorias da Comunicação. São Paulo, Ed. Loyola, 1.999.
- MATTOS, Sérgio. Um Perfil da TV Brasileira – 40 Anos de História: 1950-1990. Salvador, ABAP-BA e A Tarde, 1990.
- MELO, José Marques de. A Imagem do Natal na Mídia Paulistana: Estudo de caso da identidade cultural brasileira no cenário da aldeia global. XXI Encontro Cultural de Laranjeiras, Sergipe, 1996.
- OLIVEIRA, Marconi. O fato jornalístico é a Segunda aparência do mundo. 1999
- ORJUELA, Guillermo Mauricio Acosta. Efeitos da televisão sobre os comportamentos anti-social e pró-social: uma introdução à literatura empírica em psicologia social. Dissertação de Mestrado, Multimeios, Unicamp, 1997.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. A imagem da TV tem tempo? in Rede Imaginária – televisão e democracia. Companhia das Letras, São Paulo, 1.999.
- PIERCE, Charles S. Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- PINHEIRO, Amalio. Aquém da Identidade e da Oposição – Formas na cultura mestiça. Ed. Unimep, Piracicaba, 1.995.
- SANTAELLA, Lúcia. Cultura das Mídias. São Paulo. Experimento, 1996.
- Santaella, Lucia & Nöth, Winfried – Imagem – Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo, Iluminuras, 1.998
- SODRÉ, Muniz. A Comunicação do Grotesco – um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes, 9^a Edição, 1983.
- TEIXEIRA COELHO NETTO, J. Semiótica, Informação e Comunicação. São

Paulo, Perspectiva, 1983.

Juliane Vianna Guzzoni é Jornalista, graduada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 1991. Professora da Disciplina de Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa em Jornalismo nas Faculdades Maringá (PR). Mestranda do programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Editora do telejornal PARANATV, na TV Cultura de Maringá, emissora afiliada da Rede Globo. Áreas de atuação: Docência; Reportagem (TV); Edição e Apresentação (TV).